

PREFÁCIO

A história da agricultura é anterior à história escrita, pelo que as suas origens surgem envoltas de hiatos e dúvidas. Prevê-se que seja uma actividade que tenha surgido há mais de dez mil anos durante a pré-história da humanidade, aquando os indivíduos deixaram de ser nómadas caçadores-colectores para se estabelecerem definitivamente em determinadas regiões. A agricultura surge, assim, como um conjunto de técnicas capaz de garantir o sustento do homem que deixou de ser nómada. Julga-se que as primeiras plantas a serem domesticadas terão sido o trigo e a cevada, actualmente essenciais no cardápio do homem moderno.

O incrível da agricultura é que há técnicas ancestrais que ainda hoje são utilizadas. Não consigo, de antemão, encontrar muitas actividades que tenham subsistido no tempo como esta e penso que tal facto se deve a que a agricultura se encontra intimamente ligada aos rituais de subsistência mais básicos do homem. O homem não sobrevive sem alimento.

No último século, assistimos sobremaneira a uma mudança na forma de praticar agricultura. Esta passou a recorrer a práticas intensivas e ao uso de substâncias químicas, para assim dar resposta a novas emergências, criadas com o aumento populacional e com fenómenos como o êxodo rural.

Os efeitos nefastos desta nova abordagem para o meio ambiente foram, e continuam a ser, mais do que muitos e a natureza, fonte de alimento, parece manifestar o seu desagrado com a ocorrência de pragas, solos que se mostram inférteis, inundações, secas e tantos outros cataclismos, que sabemos, hoje, pela ciência, que em muito foram despoletados pelos sistemáticos abusos do homem.

Estas catástrofes da natureza; o inundar de produtos demasiado processados na indústria e mercado dos produtos alimentares; a prevalência de determinadas doenças que sabemos relacionadas com o uso desses produtos; a incapacidade por razões económicas e financeiras de distribuir equitativamente os recursos pela população mundial, dão-nos que pensar e reflectir em pleno século XXI.

A relevância de reflectir sobre este tema fez com que a Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu o ano de 2014 como o Ano Internacional da Agricultura Familiar, por reconhecer que a agricultura familiar e de pequena

escala são, por um lado, actividades ligadas à segurança alimentar mundial e, por outro, que preservam os alimentos tradicionais e o uso sustentável dos recursos naturais.

Não aceitei o convite de prefaciar este livro apenas por razões de amizade com o autor, mas, em larga medida, por compreender que o mesmo pode ser um contributo relevante na difusão de práticas de agricultura familiar, cuja importância é patenteada não só nas necessidades do nosso dia-a-dia, como por organizações internacionais e organismos governamentais. Estas práticas têm subsistido no tempo em larga medida por tradição oral. Ora, num tempo em que a tradição oral tem caído em desuso e que a tecnologia permeia todas as esferas do nosso quotidiano permitindo um acesso à informação, mais do que nunca, assente na tradição escrita, não escrever sobre estas práticas pode significar o desaparecimento das mesmas, o que seria uma perda irremediável para a humanidade.

Este livro não é um tratado científico e não surge de um contexto académico, onde a informação nele veiculada é resultado de práticas de investigação. Não aceitaria o convite de o prefaciar se o fosse, por não ter conhecimento dessa natureza na área. Mas alertar para este facto não é diminuir o seu valor e contributo, muito pelo contrário. Existem muitas formas legítimas de produzir conhecimento. Este é um tipo de conhecimento que tem vindo a ser desenvolvido geração após geração e cujas conclusões resultam de milénios e milénios de práticas, de tentativas-erro, de modo a esmiuçar a melhor forma de tirar partido da natureza, respeitando-a.

Insisto neste último aspecto, respeitando-a! O Serafim tem vivido a sua vida próximo dos cultivos e cultos da terra, tem experimentado técnicas ancestrais, recriando, à sua medida, outras e lida com a terra com a mesma sensibilidade com que usa as palavras para a descrever. Sei que as suas dicas serão úteis a todos os que as lerem e, mais ainda, aos que as colocarem em prática. E colocá-las em prática é permitir que as nossas tradições perpetuem e que a nossa identidade cultural seja preservada e difundida.

Raquel Vieira

(Este prefácio não segue as normas do Novo Acordo Ortográfico por opção da autora)